

Diálogos

Diálogos - Revista do Departamento de
História e do Programa de Pós-
Graduação em História

ISSN: 1415-9945

rev-dialogos@uem.br

Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Fronza, Marcelo

Nomes próprios: as narrativas históricas gráficas e a mobilização das operações mentais
da consciência histórica de jovens estudantes a partir de conceitos substantivos

Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em
História, vol. 19, núm. 1, enero-abril, 2015, pp. 307-321

Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305538472016>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Nomes próprios: as narrativas históricas gráficas e a mobilização das operações mentais da consciência histórica de jovens estudantes a partir de conceitos substantivos*

*Marcelo Fronza***

Resumo. Buscou-se abordar como jovens estudantes do segundo ano do ensino médio em escolas públicas de quatro cidades brasileiras mobilizaram as operações mentais da consciência histórica por meio de conceitos substantivos (LEE, 2006) em narrativas históricas gráficas. O objetivo foi compreender como os conceitos substantivos, dos quais alguns são na forma de nomes próprios (RÜSEN, 2007) ligados a sujeitos históricos, relacionam-se com as categorias mobilizadas por estes jovens para expressarem os conceitos de intersubjetividade e verdade. Com isso, pretendeu-se analisar as respostas dos estudantes a uma questão referente ao reconhecimento da existência de personagens históricos. Os resultados foram organizados por meio de categorias ligadas às três operações mentais da consciência histórica. Como resultado, verificou-se que o modo como esses sujeitos compreendem a verdade histórica e a intersubjetividade influenciaram na forma como as operações mentais da consciência histórica estruturam o seu sentido de orientação no tempo fornecido às ideias substantivas presentes nos quadrinhos.

Palavras-chave: Nomes próprios; Narrativas históricas gráficas; Verdade histórica; Intersubjetividade; Educação histórica.

Proper names: graphic historical narratives and the mobilization of mental operations of young students' historical awareness as from substantive concepts

Abstract. Current essay deals with the manner young students of the second year of the high school in the government school of four Brazilian cities mobilize their mental operations on historical awareness through substantive concepts (LEE, 2006) in cartoon historical narratives. Discussion involves the manner substantive concepts, many of which are proper names (RÜSEN, 2007) linked to historical subjects, are related to the categories used by young people to express the concepts of subjectivity and truth. Responses of students to a

* Artigo recebido em 26/01/2015. Aprovado em 11/02/2015.

** Doutor em Educação pela UFPR. Professor da Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá/MT, Brasil. E-mail: fronzam34@yahoo.com.br

question on the acknowledgement of the existence of historical characters are investigated. Results were organized by categories linked to three mental operations of historical awareness. Results show that the manner the subjects understand historical truth and how intersubjectivity forms the mental operations of historical conscientiousness structure orientation in time through the provision of substantive ideas in the cartoons.

Keywords: Proper names; Cartoon historical narratives; Historical truth; Intersubjectivity; Historical education.

Nombres Propios: Las narrativas históricas gráficas y la movilización de las operaciones mentales de la conciencia histórica de jóvenes estudiantes a partir de conceptos substantivos

Resumen. Aquí se buscó abordar de qué modo los jóvenes estudiantes del segundo año del nivel medio de escuelas públicas de cuatro ciudades brasileñas realizaron las operaciones mentales de la conciencia histórica por medio de conceptos substantivos (LEE, 2006) en narrativas históricas gráficas. El objetivo fue comprender cómo los conceptos substantivos, de los cuales algunos son en forma de nombres propios (RÜSEN, 2007), relacionados a sujetos históricos, se vinculan con las categorías utilizadas por dichos jóvenes para expresar los conceptos de intersubjetividad y verdad. Con ello se pretendió analizar las respuestas de los estudiantes a la cuestión referente al reconocimiento de la existencia de personajes históricos. Los resultados fueron organizados por medio de categorías ligadas a las tres operaciones mentales de la conciencia histórica. Se verificó que el modo en que esos sujetos comprenden la verdad histórica y la intersubjetividad influenciaron en la forma en cómo las operaciones mentales de la conciencia histórica estructuran su sentido de orientación en el tiempo brindado a las ideas substantivas presentes en las historietas.

Palabras Clave: Nombres propios; Narrativas históricas gráficas; Verdad histórica; Intersubjetividad; Educación histórica.

Introdução

Investigo, neste artigo, as operações mentais da consciência histórica que os jovens estudantes de ensino médio de quatro escolas públicas brasileiras mobilizam quando leem narrativas históricas gráficas (FRONZA,

2007), as quais confrontam duas interpretações diversas sobre uma mesma experiência do passado: a Independência do Brasil. O meu objetivo foi compreender quais foram as categorias mobilizadas pelos jovens para expressarem os conceitos de intersubjetividade e verdade ligados a sua identidade histórica.

Procuo compreender que conceitos históricos ligados aos nomes próprios (RÜSEN, 2007, p. 93) dão sentido às ideias substantivas ¹ apresentadas aos estudantes quando leram duas versões históricas em quadrinhos. Entendo que o potencial protonarrativo dos nomes próprios e das imagens, ligados aos sujeitos históricos que os estudantes reconheceram nos quadrinhos, fornecem possibilidades de interpretação sobre o modo como eles mobilizam as operações mentais da consciência histórica: a experiência, a interpretação e a orientação.

Os nomes próprios ², portanto, são conceitos substantivos que constituem marcos para a construção de ideias histórias que fornecem um fio narrativo para a construção de interpretações históricas. Segundo Jörn Rüsen (2009, p. 9-10), imagens e símbolos, dentre os quais podem ser aproximados, por analogia, dos nomes próprios, interferem na atividade rememorativa da consciência histórica, mas não são histórias. A função narrativa das imagens e dos nomes próprios se objetiva quando se torna marco para a formação de

¹ O historiador inglês Peter Lee (2006) estabelece alguns princípios da cognição histórica: os conceitos substantivos referem-se aos conteúdos específicos da história, tais como Egito Antigo, Império Romano, Renascimento, Revolução Industrial etc.; e os conceitos de segunda ordem, são os que estão ligados às ideias históricas estruturais do pensamento histórico, qualquer que seja o conteúdo, tais como as categorias temporais — permanências, rupturas, periodizações etc. — e também aquelas relacionadas às formas de compreensão histórica, como os conceitos de explicação histórica, evidência, inferência, empatia, significância, imaginação, objetividade, verdade e narrativa históricas.

² Os nomes próprios — tais como Júlio César, dom Pedro I, América portuguesa, copa do mundo, Declaração dos Direitos dos Homens e do Cidadão de 1789, governo Geisel — são conceitos geralmente baseados nas fontes históricas de uma determinada época, mas podem, também, receber seus nomes posteriormente pelos historiadores. Essas ideias referem-se aos estados de coisas e sujeitos do passado em sua ocorrência singular em um contexto histórico (RÜSEN, 2007, p. 93; SOBANSKI *et al.*, 2010, p. 24).

uma interpretação histórica. Com isso, as imagens ocupam o lugar de uma história e são uma “abreviação narrativa” que fornecem sentidos e significados para algum tipo de narração histórica ou elementos para a construção de uma história (RÜSEN, 2009, p.10).

A narrativa história é a expressão da consciência história mobilizada por três operações mentais. A operação da experiência histórica se objetiva nas relações entre o passado e presente inferidos a partir de evidências pautadas em fontes e testemunhos históricos. A operação mental da interpretação histórica diz respeito aos quadros de interpretação teóricos que dão significado às experiências históricas. Já a operação da orientação histórica fornece o sentido orientação no tempo entre passado, presente e futuro organizado por uma ideia histórica que estrutura as interpretações e as experiências históricas tendo em vista a construção, pelo sujeito, de uma identidade pautada no autoconhecimento a partir do outro (RÜSEN, 2001).

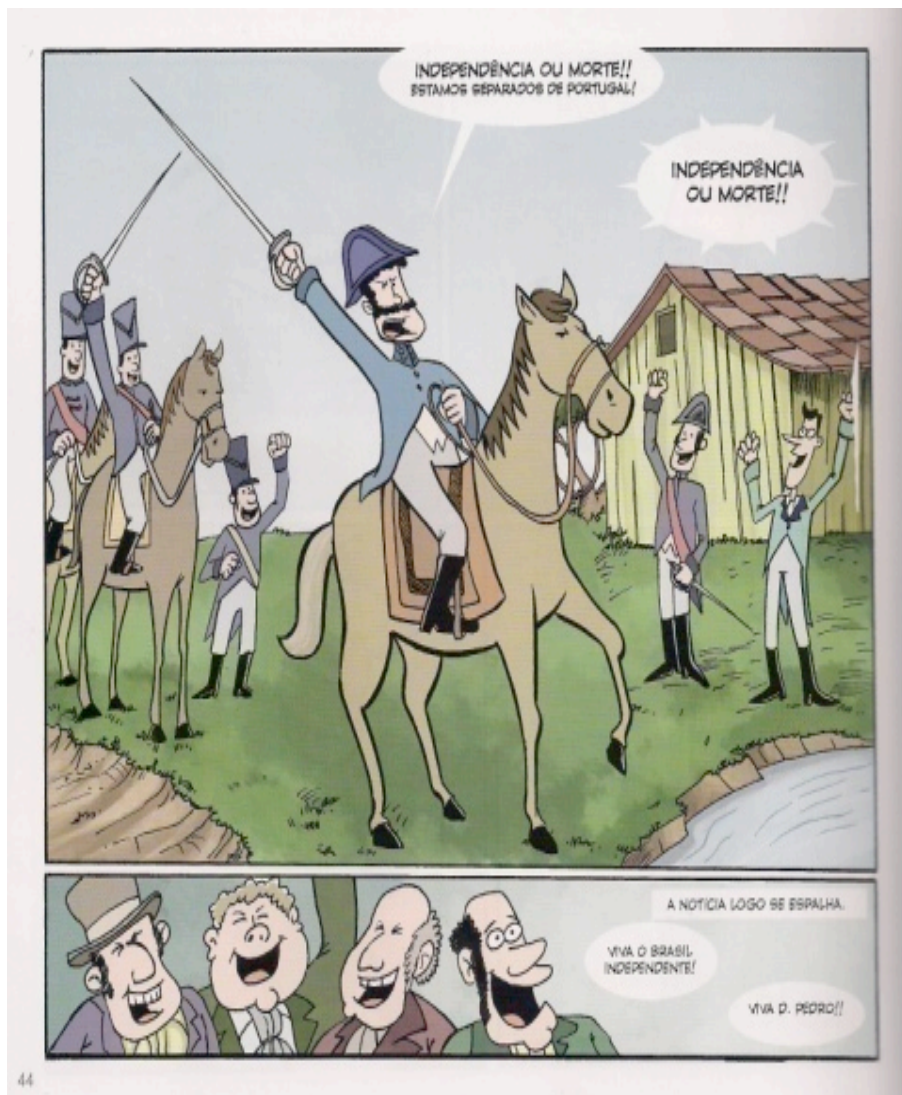
1 As histórias em quadrinhos na relação entre a cultura jovem e as ideias de intersubjetividade e verdade histórica

O público-alvo dessa pesquisa são 125 estudantes, com idades de 14 a 27 anos, do segundo ano do ensino médio de quatro escolas públicas brasileiras: em São João dos Patos, Maranhão (43 estudantes); Três Lagoas, Mato Grosso do Sul (26 estudantes); Vitória da Conquista, Bahia (33 estudantes) e Curitiba, Paraná (23 estudantes). Os jovens desses colégios foram investigados em 09, 18 e 30 de maio e 06 de outubro de 2011, respectivamente. Para isso, produzi um instrumento baseado nos critérios metodológicos da pesquisa qualitativa.

Esse instrumento de investigação contém o confronto de fragmentos de duas histórias em quadrinhos que têm a pretensão da abordar didaticamente, a partir de critérios historiográficos, a temática da

Independência do Brasil ocorrida em 7 de setembro de 1822. A primeira, versão A (Figura 1), denominada *A Independência do Brasil*, foi produzida totalmente por quadrinistas (DINIZ; EDER, 2008, p. 41-45).

Figura 1: versão A



Fonte: (DINIZ; EDER, 2008, p. 44).

A segunda história em quadrinhos, a versão B (Figura 2), denominada *Da Colônia ao império: um Brasil pra inglês ver...*, foi roteirizada pela historiadora brasileira Lília Moritz Schwarcz (PAIVA; SCHWARCZ, 1995, p. 5-9).

Figura 2: versão B



Fonte: (PAIVA; SCHWARCZ, 1995, p. 8).

Seguindo os critérios de Peter Lee (LEE; ASHBY, 2000; LEE, 2006), essas histórias em quadrinhos procuram evitar anacronismos em relação aos sujeitos e às situações do passado representadas.

A partir disso, apresento a pergunta voltada para respostas diretas e abertas referentes ao reconhecimento de personagens que realmente existiram; essa questão exigiu uma justificativa argumentativa referente a esses personagens. Essa pergunta investigativa foi inspirada nas questões que fiz no estudo exploratório de minha dissertação de mestrado (FRONZA, 2007) e no livro didático inglês *Skill in History* (SHUTER; CHILD, 1990), e tem como objetivo diagnosticar os conteúdos substantivos e os nomes próprios que os jovens entendem como verdadeiros. A questão a ser abordada é: *“A partir das versões A e B, quais os personagens do passado você acha que realmente existiram? Por quê?”*.

Foi possível indicar duas categorias organizadoras das respostas dos jovens: sujeitos individuais e sujeitos coletivos.

Entre os sujeitos individuais, denota-se a importância dada pelos alunos à existência de dom Pedro relevante para a história do Brasil. Mas o resultado mais impressionante foi a alta indicação dos personagens históricos de José Bonifácio e de dona Leopoldina. O mensageiro foi considerado um personagem relevante para os jovens. Como será visto adiante, o mensageiro é um personagem com quem os estudantes se identificam, pois foi interpretado como uma pessoa do povo responsável por dar a carta que fez dom Pedro declarar a independência. Também apareceram os nomes próprios Portugal, Espanha e Lisboa, Napoleão, o soldado inglês e o cavalo de dom Pedro. Inclusive, foi citado Pedro Álvares Cabral numa aparente confusão anacrônica com o personagem de dom Pedro.

Já entre os sujeitos coletivos, os soldados, sejam enquanto capitães, sejam como uma caravana ou uma comitiva de dom Pedro, foram

identificados. Contudo, entendo como relevantes as citações de jovens maranhenses em relação aos índios, até porque esses personagens não estavam representados em nenhuma das versões em quadrinhos abordadas nessa pesquisa. Compreendo que a indicação de índios por esses estudantes tem a ver com um reconhecimento identitário a partir desse outro indígena, seja por meio das tradições da cultura escolar, seja pela proximidade da cidade de dois territórios indígenas maranhenses (Porquinhos dos Apaniekrá e Rodeador dos Guajajara). Outros personagens históricos identificáveis que foram indicados são os padres patriarcas (provavelmente os patriarcas da Independência) e os portugueses.

Para que sejam compreendidas essas escolhas é preciso investigar as justificativas dadas por esses jovens. As respostas e justificativas podem ser sintetizadas a partir de uma estrutura pautada nas três operações da consciência histórica (experiência, interpretação e orientação) que organizam as justificativas do porquê da escolha dos sujeitos individuais e coletivos³.

Assim, foram organizadas as categorias mobilizadas pelos jovens:

2 Experiência histórica

A operação mental da experiência histórica foi mobilizada por 24 estudantes nas seguintes categorias:

2.1 O passado como autoridade da tradição

Onze alunos mobilizaram ideias ligadas à categoria “o passado como autoridade da tradição”, sendo que as indicações ficaram equilibradas entre as quatro escolas brasileiras. Eis algumas respostas:

³ Nem todas as categorias mobilizadoras serão apresentadas neste artigo, somente as mais relevantes.

D. Pedro existiu, pois declarou a Independência. E no Brasil esta data ficou sendo comemorada, pois fizeram o feriado de 7 de setembro (Mariam – 16 anos – Curitiba).

D. Pedro. Versão A. Porque eu já estudei a História do Brasil e D. Pedro era um personagem (Valéria – 15 anos – Três Lagoas).

D. Pedro, Leopoldina e José Bonifácio. Em minha opinião eles existiram. Porque se eles estão escritos na história em quadrinhos porque alguém iria mentir sobre isso? Isso é muito importante (Ilíria – 15 anos – Vitória da Conquista).

Esses jovens expressaram quatro argumentos para fundamentar a mobilização da autoridade da tradição ao justificar sua escolha. Esses três argumentos — a tradição dos feriados nacionais e, portanto, num mito de origem, a cultura escolar, a presença de um passado encapsulado na cultura histórica — estão relacionados à expressão de uma consciência histórica tradicional entre estes estudantes.

2.2 Relação com a aprendizagem histórica

Entendo que esta categoria normalmente estaria melhor articulada com a operação mental da orientação histórica. No entanto, o teor das respostas dos jovens inclinou, nessa questão, a categoria para a classificação na operação da experiência histórica, pois esses sujeitos indicaram as fontes de sua aprendizagem. A relação com a aprendizagem histórica mobilizou 11 dos estudantes que justificaram suas escolhas. Eis as respostas de alguns:

A 'parte A', pois as roupas e as falas dos personagens são as mesmas em que vimos nos livros de história. D. Pedro (Hermione – 15 anos – Vitória da Conquista).

Versão A: D. Pedro, José Bonifácio e D. Leopoldina. Porque nos livros de História está escrito as coisas do passado e porque os professores de História falam (Fausto – 16 anos – Três Lagoas).

Os dois estudantes aqui selecionados expressaram basicamente a mesma argumentação: compreenderam que a fonte para a identificação dos personagens históricos, que eles creem como verdadeiros, é o manual didático de história.

Ambas as fontes, livro e professor, fundamentam a escolha pela versão A. Nessas respostas, constatamos o papel relevante que os livros didáticos têm no processo da aprendizagem histórica dos jovens e, conseqüentemente, na formação de sua consciência histórica. No caso desses jovens, aparentemente, esses manuais didáticos possuem uma autoridade que orienta um sentido temporal relacionado a uma consciência histórica tradicional.

3 Interpretação histórica

A interpretação histórica foi mobilizada por 18 jovens e suas justificativas foram organizadas nas seguintes categorias:

3.1 O significado do outro nas HQs

Doze jovens mobilizaram justificativas relacionadas às categoria do significado do outro nas histórias em quadrinhos. Elas ocorreram em relativo equilíbrio entre as escolas do Maranhão, Mato Grosso do Sul e Bahia. Somente um jovem a mobilizou no Paraná. “B. Porque é uma história que tem um significado melhor; uma melhor compreensão da história que realmente conhecemos” (Linda – 16 anos – São João dos Patos).

Essa jovem maranhense aparentemente está indicando uma compreensão mais sofisticada ao justificar sua escolha. Jörn Rüsen (2001) defende que a explicitação dos pressupostos teóricos de uma argumentação é o princípio básico do pensamento histórico científico.

3.2 Relação com o método histórico

Um jovem de Três Lagoas justificou sua escolha sugerindo a relação com o método histórico. “Porque os autores pesquisaram e fizeram parecido com os fatos históricos” (Micael – 15 anos – Três Lagoas).

Micael não respondeu quais os personagens históricos realmente existiram, mas focou sua atenção nas investigações dos autores, que ao usarem o método histórico conseguiram reproduzir os fatos históricos. Assim, ele argumenta que as histórias em quadrinhos constroem uma narrativa semelhante ao processo histórico.

4 Orientação histórica

A mobilização da operação mental da orientação histórica foi realizada 46 vezes quando jovens justificaram suas escolhas.

4.1 O outro como sujeito da identidade nacional

Vinte e oito jovens estudantes justificaram suas escolhas a partir da categoria o outro como sujeito da identidade nacional. Dentre eles, 16 são de São João dos Patos.

Leopoldina. Porque aquela época tinha várias crises e situações graves. Então, ela chegou para tomar essa decisão de um retorno imediato (Rosália – 18 anos – Vitória da Conquista).

Destaquei essa citação porque Rosália foi a única estudante em todas as fases desta investigação que defendeu, pelo menos implicitamente, que foi Leopoldina a responsável pela independência. Para essa jovem, a decisão do retorno de dom Pedro foi realizada por influência de dona Leopoldina. Entendo ser possível que essa escolha feita por Rosália se deva pelo reconhecimento do outro semelhante, ou seja, a identidade de gênero pode ter sido a mobilizadora dessa resposta.

A majestade (O mensageiro). Porque foi quem entregou as cartas e alguns documentos a D. Pedro. Camaradas, porque ajudaram ele a salvar o Brasil. Leopoldina e José Bonifácio porque mandaram as cartas a D. Pedro (Margrette – 16 anos – São João dos Patos).

Margrette fez uso de uma explicação multifatorial e provavelmente multiperspectivada na medida em que ela busca definir a responsabilidade de cada sujeito individual ou coletivo no processo de libertação do Brasil. É perceptível que Margrette se identifica tanto com o mensageiro, quanto com os camaradas, pois estes foram responsáveis pela salvação do Brasil, o que pode denotar alguma importância desses personagens históricos para o autoconhecimento dessa jovem. Para ela, esses sujeitos, ligados às classes trabalhadoras, também são agentes da mudança histórica.

4.2 A memória histórica como identidade nacional

Como justificativa para suas escolhas, 14 estudantes mobilizaram a memória histórica como identidade nacional, dos quais, a metade é de Curitiba.

D. Pedro, Bonifácio. Porque eles fizeram parte da história e precisam deles para o Brasil ser colonizado e existir hoje (Alexandra – 17 anos – Vitória da Conquista).

José Bonifácio e D. Leopoldina, pois foram eles que escreveram a carta para D. Pedro. D. Pedro, pois foi ele que declarou a “Independência ou morte”!”; e esta data foi marcante até os dias de hoje. E, também, porque foi ele quem compôs o hino da Independência (Christine – 16 anos – Curitiba).

A memória das ações ajuda a preservar a identidade nacional dos brasileiros. O argumento de Christine é diferente porque busca justificar a importância da data da independência a partir de algumas evidências: a declaração de independência, que sobrevive ainda na cultura histórica brasileira, e o próprio Hino da Independência, composto por dom Pedro.

4.3 O passado como mudança

Uma jovem de Três Lagoas justificou sua escolha a partir da mudança histórica. “Nenhum, pois as duas histórias e o Brasil também vivem momentos de mudanças. D. Pedro, na história A” (Lavínia – 15 anos – Três Lagoas).

O reconhecimento, pelo sujeito, das mudanças históricas como fundamento da história fornece uma boa base para essa inferência. Isso porque as operações genéticas da consciência histórica se diferenciam das outras (tradicionais, exemplares e críticas) pelo seu caráter transformativo do processo histórico (RÜSEN, 2010).

Considerações finais

Em síntese, na justificativa às citações dos personagens realmente existentes, os alunos mobilizaram as três operações mentais da consciência histórica. Uma atitude de afirmação da tradição predominou entre nos jovens que focaram na operação da experiência histórica. Ela pode ser relacionada ao conceito de segunda ordem de evidência histórica e a categorias de sujeitos históricos. Essas categorias tenderam a mobilizar uma disposição afirmativa das narrativas tradicionais advindas, principalmente, da cultura escolar.

Quando os estudantes mobilizaram a operação da interpretação histórica, houve o predomínio da escolha do significado que os personagens históricos tinham no contexto das duas histórias em quadrinhos. Sob este aspecto, também foi hegemônica uma justificativa pautada na afirmação tradicional da cultura histórica. Somente uma jovem apresentou alguns elementos de teorização sobre a significância histórica dos personagens do passado.

Mas, a operação mental mais mobilizada utilizada entre os jovens foi a orientação histórica, principalmente no que se refere à importância da ação dos sujeitos para a construção da história nacional, formando, assim, uma identidade nacional. No entanto, houve uma jovem, Margrette, de São João dos Patos, que apresentou uma explicação multifatorial baseada na ação dos sujeitos, explicitando inclusive uma relação de intersubjetividade entre o significado desses personagens e o valor da ação coletiva defendida por essa estudante.

Sob esse ponto de vista, a intersubjetividade mobilizou implicitamente a atitude afirmativa em relação às narrativas tradicionais vinculadas à formação da identidade nacional. Aparece, então, uma subjetivação que internaliza positivamente a tradição e as normas generalizantes normalmente internalizadas a partir da cultura escolar. Apareceu uma intersubjetividade vinculada à atitude transformativa em relação aos dados da tradição. Subjetivações ligadas aos valores da multiperspectividade, da mudança histórica e, principalmente, do reconhecimento do outro como um sujeito que vive em uma comunidade humana e com potencialidades futuras de igualdade foram raras, mas surgiram de maneira implícita.

Referências

- DINIZ, André; EDER, Antonio. *A Independência do Brasil*. São Paulo: Escala Editorial, 2008.
- FRONZA, Marcelo. *O significado das histórias em quadrinhos na Educação Histórica dos jovens que estudam no Ensino Médio*. Curitiba, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFPR.
- LEE, Peter. Understanding History. In: SEIXAS, Peter (Ed.). *Theorizing historical consciousness*. Toronto/Buffalo/London: University of Toronto Press. 2006.
- LEE, Peter; ASHBY, Rosalyn. Progression in historical understanding among students ages 7-14. In: STEARNS, Peter N.; SEIXAS, Peter; WINEBURG, Sam (Eds.). *Knowing, teaching and learning History: national and international perspectives*. New York: New York University Press, 2000, p. 199-222.
- PAIVA, Miguel; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Da Colônia ao Império: um Brasil para inglês ver e latifundiário nenhum botar defeito*. 10ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- RÜSEN, Jörn. *A razão histórica*. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: ed. UnB. 2001.
- RÜSEN, Jörn. *História viva: Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: ed. UnB, 2007.

RÜSEN, J. ¿Qué es la cultura História? Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia. *Culturahistórica*, En línea, 2009. Disponível em: http://www.culturahistorica.es/ruesen/cultura_historica.pdf. Acessado: 27 maio. 2011.

RÜSEN, Jörn. Narrativa histórica: fundamentos, tipos, razão. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Orgs.). *Jörn Rüsen e o ensino de História*. Curitiba: Ed. UFPR, 2010, p. 93-108.

RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do passado: Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica*. Brasília: ed. UnB. 2007.

SHUTER, Paul; CHILD, John. *Skills in History: Book 1: Changes*. Londres: Heinemann Educational Books, 1990.

SOBANSKI, Adriane de Quadros *et all*. *Ensinar e aprender História: histórias em quadrinhos e canções*. Curitiba: Editora Base, 2010.

